

Sem dedos para contar

O prazer em colecionar mais... mais e... mais

ARBEL GRINER, EDUARDO LEVY, LETÍCIA VALLE E MARIANA SOUSA

Selos, cartões postais, latinhas. Você coleciona alguma coisa? Se a resposta imediata é não, pense mais um pouco. Não seriam os retratos que você guarda uma coleção de momentos que já se foram? A fotografia é o elemento-base de uma das coleções mais difundidas no mundo. O motivo é simples: a vontade de eternizar a memória de cada um por meio de objetos materiais.

E quando reunimos outros itens que não estão relacionados com a história de nossas vidas? O psicanalista Daniel Kupermann diz que o desejo humano é tão abrangente, que qualquer objeto é passível de ser colecionado. Desde crianças somos atraídos por elementos os mais diversos. Das figurinhas e bonecas às obras de arte, o que é comum aos colecionadores é o prazer de buscar incessantemente mais itens para o acervo.

“Eu compro para ler. Eu coleciono justamente para poder reler quando quiser. Meu prazer é saber que tenho leitura suficiente para o resto da vida”, conta o ator Fernando Caruso. Já o oftalmologista Marcelo Martins Ferreira Jr. afirma que o prazer está em “vencer o desafio de todo dia conseguir mais um modelo”. Para ele, o ato de colecionar virou uma “paranóia saudável”.

Como se pode ver, as motivações são muitas e distintas. Os objetos também. Já no período pré-histórico o homem colecionava. Mesmo os nômades levavam consigo não apenas os elementos imprescindíveis para a própria sobrevivência, mas outros,



Como a vida é muito curta, guardar objetos significa a perenidade daquilo que é temporário. Esse comportamento gera um enorme apego às coisas materiais.

Vera Tostes (*Historiadora e diretora do Museu Histórico Nacional*)

dos quais, por algum motivo, não queriam abrir mão. Onde mora, portanto, o prazer de colecionar? A pergunta inspira uma coleção imensurável de respostas.

Colecionar para ler

A paixão por quadrinhos surgiu logo que o ator Fernando Caruso foi alfabetizado. No início, eram as revistinhas da Turma da Mônica. Mas aos dez anos, Fernando resolveu procurar algo novo. Foi aí que comprou a primeira revista do Homem Aranha. “Foi a Teia do Aranha número 19”, lembra. “Eu adorei. Logo que terminei saí à procura de outros números”.

Depois de passar por quase todos os jornaleiros do bairro, Fernando só conseguiu encontrar a número 18. A revista era mensal. Por isso, teve que esperar até o mês seguinte para comprá-la. “Foi a dificuldade de encontrar as publicações que me fez começar a colecionar”.

Treze anos depois, Fernando tem uma coleção respeitável. Mais de mil revistas – todas lidas. Para alcançar a marca, o ator já foi longe. Viajou duas vezes para San Diego, nos Estados Unidos, para uma convenção de quadrinhos onde a diversão é comprar mais revistinhas. Na última viagem, ele precisou de uma mala extra para trazer os mais de quinze quilos de “novas preciosidades”.

O prazer em colecionar preocupa Fernando, que espera não ficar obcecado como outros colecionadores que conhece. Para o futuro, faz planos ambiciosos: “Gostaria de um dia abrir uma biblioteca de quadrinhos”.

Colecionar por... colecionar

No consultório, duas paredes inteiras tomadas por óculos exóticos. Na varanda, quatro gôndolas de modelos variados. Em casa, outras aquisições esperam apenas ser catalogadas para poderem ir para o ambiente de trabalho do colecionador. O oftalmologista Marcelo Martins Ferreira Jr. registra tudo o que tem. Ao todo são cerca de 940 óculos, sendo que 852 estão numerados e expostos no site do médico. Quem vê tanta dedicação e organização não imagina que esse *hobby* começou por acaso.

O pai de Marcelo, também oftalmologista, foi quem despertou no filho o prazer em colecionar. Em 1995, Marcelo levou para o consultório oito óculos exóticos que pertenciam ao pai. O sucesso com os clientes foi grande. A partir daí, não parou de procurar, comprar e fabricar. Pois é! Marcelo também cria peças originais usando materiais como arames e até camisinhas. Além disso, compra de 50 a 60 óculos por mês de uma artesã, que os faz especialmente para a coleção. Parentes, amigos e clientes também o ajudam a aumentar o número de itens.

“Uma vez, um colecionador de selos de Manaus me enviou um óculos-rádio pelo correio, que funciona também como *walkman*. Embora ele não me conhecesse, ele disse saber a alegria que é para um colecionador adquirir algo diferente”, conta Marcelo.

Há cinco anos, o médico contratou uma firma para montar um *site* da coleção. Ele diz que não tem graça guardar o que reuniu em um armário. Gosta que os óculos sejam vistos e adora poder trabalhar olhando para eles. Para Marcelo, trabalho e *hobby* se complementam.

“Eu penso no meu pai que só trabalhava e, quando parou, não sabia fazer outra coisa. Até assim ele me ensinou. Colecionar é uma terapia e vai continuar sendo quando eu me aposentar”. Para os dois filhos, o médico faz planos: quer que dêem continuidade ao acervo.

Coleção em família

Passada de pai para filho, a coleção se consolida como parte da história da família. Durante um passeio num *shopping*, o analista de sistemas Ricardo Lima se encantou com uma pista manual de corri-

da de cavalos. Comprou a pista e cavalinhos de chumbo. Cada miniatura ganhou o nome de um cavalo do Jóquei Clube. Com o tempo, a diversão do pai pôde ser compartilhada com o filho, Rodrigo. Em casa, Ricardo começou a realizar competições. Além da corrida de cavalos, campeonatos de futebol de botão.

Hoje, com 30 anos, Rodrigo segue os passos do pai na profissão e no prazer em colecionar. Juntos eles possuem 700 cavalinhos de chumbo e mil botões, divididos em cem times. Rodrigo foi além. Soma ainda 400 chaveiros, 300 tampinhas de garrafa e 200 miniaturas de carros.

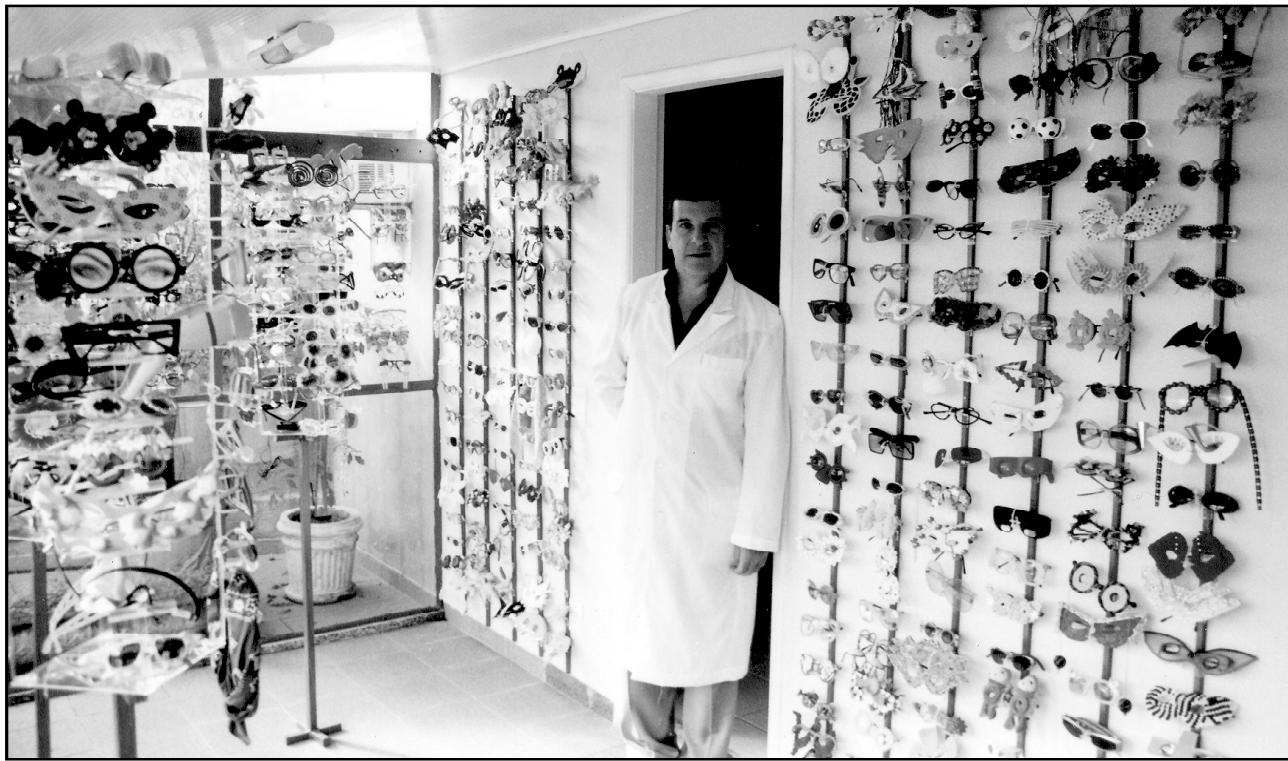
Colecionar por idolatrar

O estudante de psicologia Rodrigo Cardoso tem 23 anos. Desde os oito coleciona objetos relacionados ao ídolo do rock Elvis Presley. O fascínio nasceu nos primeiros contatos com a música do cantor norte-americano. *Good Rockin' Tonight – The best of Elvis*, um disco de vinil, foi a primeira peça, adquirida em 1989. Atualmente, possui cerca de 300 CDs, quase todos os DVDs já lançados sobre Elvis, além de revistas e livros que nem consegue contar.

O estudante visa à multiplicidade. Coleciona porque gosta de ter artigos diferentes relacionados ao ídolo. Desde 1996 ele faz parte do fã-clube Rio Elvis Presley Society, um grupo que se reúne aos sábados para trocar informações, ver vídeos e, sobretudo, tocar as músicas do rei do rock.

Colecionar itens ligados a pessoas idealizadas pode se aproximar da dimensão do fetiche – que, segundo Freud, é a figura central da perversão. A psicanálise se vale do mito de Don Juan para explicar a relação. O mais famoso conquistador de mulheres teria se rebelado contra a perda do objeto de desejo primordial: o seio da mãe. Por causa do trauma, Don Juan decide se vingar das mulheres. Passa a colecionar o nome daquelas que seduz em uma extensa lista. O principal prazer do sedutor não é o ato sexual, mas a expansão da coleção.

Essa visão, que aproxima o ato de colecionar da patologia, é rechaçada por Rodrigo. O estudante também é fã do ato de colecionar. “É muito mais saudável que uma criança ou um adolescente se interesse por algum tipo de expressão artística do que ficar de bobeira.”



Dr. Marcelo Martins Ferreira Jr.: o oftalmologista encontrou nos óculos profissão, diversão e planos para o futuro.

O hobby de Rodrigo comprova que o colecionamento ajuda a preservar a memória e a conhecer a história. Sobre Elvis, ele sabe tudo. Já gastou US\$ 75 em um CD pirata, mas explica por que vale a pena. "Hoje, os músicos gravam separadamente no estúdio. Na época do Elvis, gravavam ao vivo e ao mesmo tempo. Às vezes, gravavam até 40 vezes a mesma música para então escolher a melhor versão. Os CDs piratas estrangeiros vêm com os *takes* que não foram escolhidos e, muitas vezes, você pode ouvir os músicos e o Elvis conversando."

A coleção – desfalcada em 11 peças que o fã não tem dinheiro para comprar – parece estar sempre aberta a novidades. O colecionador não tem uma meta específica para completar sua obra. "Meu prazer não está em colecionar por colecionar. Gosto de ter as novidades para ouvir e ver como o Elvis era rico artisticamente".

Coleção e história

A necessidade de juntar itens utilitários propiciou o nascimento da coleção. A historiadora Vera Grecco diz que com o passar dos tempos o ato de

colecionar adquiriu novas atribuições, desde religiosas e elitistas até históricas, culturais ou simplesmente prazerosas. Assim, foi perdendo a dimensão utilitária e ganhando, cada vez mais, um teor simbólico.

As grandes coleções da humanidade conquistaram templos, onde são reunidas e preservadas. O museu surgiu na Idade Média, quando a Igreja passou a juntar pinturas, esculturas e objetos sacros. Ainda neste período, a reunião de obras de arte significava prestígio para a elite feudal. A criação do museu moderno, entre os séculos XVII e XVIII, foi possível graças a doações feitas por colecionadores particulares.

Hoje, com o capitalismo, o simbólico pode ser ofuscado pelo simples desejo de consumo. Daniel Kupermann – colecionador insaciável dos livros e artigos que ele mesmo produz – alerta para uma questão: "Devíamos ficar atentos a uma ordem compulsiva que é própria do capitalismo. Ver se não viramos uma espécie de colecionadores com compulsão em trocar de objetos. Se não fomos capturados a partir de nossa própria constituição desejante".

Na trilha de Don Juan



Wando: O cantor com calcinhas da sua coleção

Dono de uma das mais comentadas coleções do Brasil, o cantor Wando abre o guarda-roupa e revela: mais importante do que as quatro mil calcinhas que coleciona são as histórias que elas contam.

Eclética – Como começou a sua coleção de calcinhas?

Wando – Quando lancei o disco *Tenda dos prazeres*, descobri que uma capa de disco é um portacalcinha perfeito. Eu e a gravadora pensamos em vender uns discos com calcinha e outros sem. A gravadora só colocou nas lojas discos sem calcinha, e as pessoas reclamavam. Eu estava fazendo o show “Tenda dos Prazeres” no Canecão, no fim dos anos 1990, e resolvi distribuir umas calcinhas, já que não tinha nas lojas. Falei de brincadeira: “vamos trocar, uma nova pela sua usada?”. Acabou

que as fãs levaram a sério. Virou uma coisa do *show*, que não dá para não fazer.

E – Tem alguma calcinha especial?

W – Tem uma que eu acho bastante criativa. Uma mulher desenhou na calcinha um mapa que me guiava para chegar no objetivo, que era ela. O que eu acho interessante não é a calcinha em si, mas os recados. Isso o homem jamais pensaria.

E – Você já pensou em abrir uma grife de lingerie?

W – Não. Mando fazer peças exclusivas, bordadas com o meu nome, para o *show*. Nunca coloco no palco um número grande de calcinhas. Assim, quem consegue uma peça, jamais dá para alguém. Guarda, pois é uma peça especial.

E – Qual a sua meta como colecionador?

W – Não tenho meta. Claro que no dia em que eu tiver dez mil eu vou ficar mais feliz. Na verdade, é uma coleção que começou porque as pessoas começaram a me trazer. Só depois de algum tempo eu fui pensar: por que não fazer uma coleção de calcinhas? Hoje eu estou pensando em abrir o Museu da Calcinha, para as pessoas poderem contar as histórias das suas calcinhas.

E – Quantas calcinhas você recebe por show?

W – Varia muito, mas posso

considerar umas 20 a 30 por *show*. Eu faço uma seleção, porque não adianta guardar todas as peças que recebo.

E – Qual a satisfação que a coleção de calcinhas traz para você?

W – É perceber o carinho e a confiança das fãs. Para uma pessoa dar uma peça íntima para outra é preciso muita confiança. É porque ela acredita naquilo que falo.

E – Já recebeu alguma cueca?

W – Já. Eu tiro um grande sarro e digo para o cara: “Você está no *show* errado e até vou dar uma calcinha para você levar para casa, mas não vou pegar a sua cueca”.

E – Qual a simbologia de uma coleção de calcinhas?

W – Antigamente, ver uma calcinha era uma coisa fantástica. Eu me lembro que a primeira calcinha que vi na vida era amarela. A calcinha tem um fetiche muito forte. As mulheres deviam mostrar menos. É o mistério que cria o grande interesse.

E – O que acha da sua coleção?

W – Eu acho que eu faço uma coisa normal. Tem gente que coleciona figurinha e tem gente que coleciona até arma. Eu coleciono calcinhas. Não sei se eu sou o único do mundo. Devo ter uns seguidores por aí.